

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CULTURA ESPANHOLA. NOTÍCIA DE ALGUMAS PUBLICAÇÕES RECENTES. FELIPE MATEU Y LLOPIS -IDENTIFICACIÓN DE CECAS IBERICAS PIRENAICAS. ENSAYO DE LOCALIZACIÓN DE TOPONIMOS MONETÁRIOS ALTOARAGONESES.

CARDOSO, Mário

Ano: 1947 | Número: 57

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Cultura espanhola. Notícia de algumas publicações recentes. Felipe Mateu y Llopis -Identificación de cecas ibericas pirenaicas. Ensayo de localización de toponimos monetários altoaragoneses. *Revista de Guimarães*, 57 (3-4) Jul.-Dez. 1947, p. 196-199.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

todavia, pelo tipo da cerâmica ali encontrada, pertencerem já a uma data muito posterior, talvez ao período chamado *post-hallstático*, correspondente à segunda penetração celta na Península, quando ainda a massa indígena autóctone permanecia estabilizada na cultura do Bronze. O espólio da Penha, por exemplo, tem sido recolhido ao sabor do acaso, em escavações e terraplanagens de obras de ajardinamento local, sem o menor carácter científico, ignorando-se hoje totalmente as condições de jazida dos objectos encontrados, níveis estratigráficos, etc., tão deplorável tem sido o destroço vandálico de uma das mais importantes estações arqueológicas do Norte de Portugal.

Não nos é possível ocupar mais espaço neste lugar, com as nossas considerações, por superficiais que tenham de ser, a respeito de este volumoso tomo da *Historia de España*, que fecha com um interessante capítulo sobre a Idade do Bronze nas Ilhas Baleares, pelo Sr. Maluquer de Motes, do Museu Arqueológico de Barcelona, e outro, também muito importante, sobre a Idade do Bronze na Península, pelo Prof. Mata Carriazo, da Universidade de Sevilha. Este último dedica ligeiras referências à Idade do Bronze em Portugal, citando os trabalhos de Estácio da Veiga, José Fortes, Santos Rocha, Mendes Correia, etc., e alude, ainda mais algumas vezes, ao nosso país, a propósito de jóias áureas da época do Bronze, que entre nós estão representadas por notáveis exemplares.

Resta-nos dizer que este volume, pelo valor e actualidade das matérias que contém, pela sua documentação abundante e verdadeiramente opulenta, e pela bibliografia exaustiva que insere, é obra de consulta absolutamente imprescindível na estante de todos os estudiosos da Arqueologia pré-histórica hispano-portuguesa.

Felipe Mateu y Llopis, «Identificación de cecas ibéricas pirenaicas. Ensayo de localización de toponimos monetários altoaragoneses». Sep. de *Pirineos*, Saragoza, 1947, n.º 5, págs. 39-80.

O Sr. Prof. Mateu y Llopis, Catedrático da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Bar-

celona, é conhecido como um dos mais eminentes numismatas e investigadores do país vizinho. A Numismática tem dado, como se sabe, uma grande contribuição para o estudo das línguas ibéricas pré-latinas, por meio da interpretação das legendas monetárias. O Sr. Prof. Mateu y Llopis apresenta, no estudo acima citado, um curioso método para a identificação das localidades ibéricas pirenaicas onde se praticou cunhagem de moeda, baseado em dados de ordem indutiva, ou seja num estudo das cunhagens não apenas orientado num sentido puramente arqueológico, mas considerando especialmente os factores de ordem económica que poderiam ter determinado essa emissão de moeda. Chega assim o A. a conclusões lógicas interessantes, tendo em atenção a maior ou menor importância dessas localidades primitivas de cunhagem, as chamadas «cecas», para a sua identificação. E' um facto admitido que as oficinas que emitiram moeda outro fim não tinham em vista senão «favorecer o comércio, facilitando o numerário»; e daqui a conclusão: quanto maior for o número conhecido de moedas de uma determinada «ceca», maior a importância desta. Esta dedução baseia-se, é certo, no estudo das séries existentes, e portanto em considerações de ordem estatística, isto é, na maior ou menor abundância de exemplares actualmente conhecidos, dentro de cada série. Ora a verdade é que este critério é falível, pois qualquer escavação ou achado futuro, de profícuos resultados, pode vir a fazer variar o curso deste raciocínio, e pôr em cheque a conclusão de que uma determinada oficina monetária foi pouco importante só porque um acaso, desfavorável até à data, não pusera ainda a descoberto uma quantidade de moedas nela cunhadas, suficiente para a considerarmos «ceca» de categoria.

Também pode conduzir a resultados falsos a localização das oficinas, quando deduzida da comparação de legendas ibéricas dos numismas com os topónimos actuais foneticamente idênticos, tanto mais que a interpretação da escrita chamada *ibérica* é ainda um problema à espera de solução. Até hoje, apenas se tem conseguido ler essas inscrições indecifradas, partindo do método proposto por Gomez-Moreno. Toda-

via, algumas identificações de localidades, obtidas pela leitura desses nomes cunhados nas moedas ibéricas, aceitam-se sem relutância. Por exemplo: *Iaca* = Jaca, *Saldue* = Zagaroza, *Secotias* = Segontia = Siguenza, *Letádsama* = Ledesma, *Turiasu* = Tarazona, *Catscata* = Cascante, *Calacoricos* = Calagurris = Calahorra, *Ercanica* = Ercavica, etc. Outras, de menor analogia fonética, oferecem maiores dúvidas.

Ainda dentro do critério económico, outro elemento a considerar é o dos emblemas representados nas moedas (golfinhos, javalis, lobos, espigas, etc.), que não foram, evidentemente, adoptados ao acaso, mas sim correspondendo às características do trabalho de cada região — agricultura, pesca, caça, etc. Contudo, encontram-se também emblemas desta natureza em moedas procedentes de algumas «cecas», que só se tornam explicáveis se os atribuirmos a um espírito imitativo; por exemplo, os *golfinhos*, que evidentemente são representativos de localidades marítimas, aparecerem em moedas cunhadas no interior do país.

O estudo dos elementos artísticos das moedas *ibéricas*, que Llopis como outros AA. atribui a influência grega e não romana, também pode contribuir para a identificação das «cecas». E os atributos guerreiros representados nos numismas, por exemplo — a lança, a espada, o dardo, etc., correspondentes às características especiais do armamento adoptado em cada região, são também indicativos de uma determinada organização política. A perfeição da cunhagem é, por sua vez, um indício de que as moedas nessas condições saíram das mãos de peritos, naturalmente gravadores gregos, e portanto emitidas pelas colónias do litoral; consequentemente, as mais rudes e grosseiras serão provenientes do interior.

Este magnífico estudo do Sr. Prof. Mateu y Llopis assenta todo ele, como se vê, em considerações lógicas, mostrando assim o espírito de análise do seu autor, e a segurança dos seus conhecimentos de numismata, não se limitando, como tantos outros, à fria classificação monetária, sob um ponto de vista meramente cronológico e histórico, ou através de um critério fechado; de simples arqueólogo. Do estudo das moedas sabe tirar conclusões mais transcendentais,

orientadas num sentido humano, visando ao conhecimento do grau de cultura e do estado social dos homens que, num passado remoto, as utilizaram, nas suas relações de comércio e nas suas actividades de trabalho.

CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTIFICAS. Instituto Antonio de Nebrija. Escuela de Filología de Barcelona — Pedro Batlle Huguet, Pbro. *Epigrafia Latina*. Barcelona, 1946. Vol. de 18/25 cm., XII + 242 págs. e XVI estampas.

A escola de Filologia de Barcelona publicou, pela Secção de Filologia Clássica, um magnífico tratado de Epigrafia latina, elaborado pelo Rev. Batlle Huguet, ilustre Conservador do Museu Diocesano de Tarragona. A obra faz parte da Colecção de manuais «Emerita», adaptando-se perfeitamente à função didáctica a que se destina, pois constitui na verdade um excelente manual para uso de escolares, sem deixar de ser um livro de consulta indispensável e útil a qualquer epigrafista.

Como manual que é de uma ciência há muitos anos estabelecida em bases mais ou menos definitivas, não apresenta, nem podia apresentar, marcadas novidades, pois o próprio Autor honestamente confessa que lhe serviu de guia para a elaboração da sua obra o conhecido livro clássico de Cagnat, *Cours d'Epigraphie latine*. Além disso, com acertado critério salienta o ilustre Autor que a epigrafia latina é, em geral, nitidamente uniforme em todas as regiões do antigo orbe romano, não sendo possível portanto imprimir um carácter de originalidade a qualquer novo tratado da índole deste. Limitou-se portanto Batlle Huguet a um trabalho, que não foi pequeno nem inútil, de sistematização e de adaptação do seu estudo ao ambiente, sob o ponto de vista epigráfico, da antiga Hispânia, como província do Império Romano. E nesta orientação pôs, quanto possível, em destaque na sua valiosa obra as inscrições hispánicas e suas características, seleccionou numa Antologia, dada em apêndice no